



Diálogos

ISSN 2177-2940



O general e sua escrita: Resquín e sua Guerra del Paraguay.¹

<https://doi.org/10.4025/dialogos.v26i2.58204>

Eudes Fernando Leite

<https://orcid.org/0000-0002-2934-0522>

Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Dourados-MS, BR

E-mail: eudesleite@ufgd.edu.br

The general and his writing: Resquín and his Paraguayan War.

Abstract: This paper analyzes the writing of the military Francisco Isidoro Resquín, whose trajectory in the Paraguayan Army was marked by several positions. “La Guerra del Paraguay contra La Triple Alianza”, the book describing his memoirs and different events in which he participated, is the object and one of the sources discussed to understand the explanatory and justifying formulation of General Resquín’s action after the end of the war. Considering the specialized bibliography on the war and other sources, it is possible to perceive Resquín’s role in the conflict, particularly in the organization of the punishments against war prisoners. The book aimed at safeguarding the author’s image, while it tried to justify the conflict. Francisco Resquín was a complex and misallocated character among the so-called Paraguayan heroes in the War against the Triple Alliance. Thus, his oeuvre, including its internal structure, became an important record to understand the internal relations inside the Paraguayan forces.

Key words: Francisco Isidoro Resquín; Paraguayan War; History; Memory.

El general y su escritura: Resquín y su Guerra del Paraguay.

Resumen: Este artículo trata de la redacción del militar Francisco Isidoro Resquín, cuya trayectoria en el Ejército paraguayo estuvo marcada por diversos cargos. “La Guerra del Paraguay contra La Triple Alianza”, libro en el que narra sus memorias y destaca los distintos hechos en los que participó es un objeto y una de las fuentes aquí discutidas, con el fin de comprender la formulación explicativa y justificativa de General La acción de Resquín, tras el fin de la guerra. Considerando la bibliografía especializada sobre la guerra, asociada a otras fuentes, es posible percibir el papel de Resquín en el conflicto, particularmente en la organización de los castigos contra los prisioneros de guerra. La redacción del libro pretendía salvaguardar la imagen del autor, al mismo tiempo que buscaba justificar el conflicto. Francisco Resquín fue un personaje complejo y mal asignado entre los llamados héroes paraguayos de la Guerra contra la Triple Alianza y su libro aquí considerado, incluso en su estructura interna, se convirtió en un registro importante para percibir las relaciones internas en las fuerzas paraguayas.

Palabras clave: Francisco Isidoro Resquín; Guerra del Paraguay; Historia; Memoria.

O general e sua escrita: Resquín e sua Guerra do Paraguai.

Resumo: Este artigo trata da escrita do militar Francisco Isidoro Resquín, cuja trajetória no Exército paraguaio foi marcada por vários encargos. “La Guerra del Paraguay contra La Triple Alianza” (1875), livro no qual narra suas memórias e destaca os diversos eventos dos quais participou é objeto e uma das fontes aqui discutido, com a finalidade de compreender a formulação explicativa e justificadora da ação do General Resquín, após o fim da Guerra. Considerando a bibliografia especializada sobre a Guerra, associada a outras fontes, é possível perceber o protagonismo de Resquín no conflito, particularmente na organização das punições contra prisioneiros de guerra. A escrita do livro visou salvaguardar a imagem do autor, ao mesmo tempo em que buscou justificar o conflito. Francisco Resquín foi personagem complexa e mal alocada entre os chamados heróis paraguaios da Guerra contra a Tríplice Aliança e seu livro aqui considerado, inclusive em sua estrutura interna, se tornou um registro importante para perceber as relações internas nas forças paraguaias.

Palavras-chave: Francisco Isidoro Resquín; Guerra do Paraguai; História; Memória.

Recebido em: 14/03/2021

Aprovado em: 14/08/2021

1 Versão no formato de resumo ampliado, foi apresentado durante o IX Congresso Internacional de História, realizado na UEM, entre os dias 7 e 9 de outubro de 2019. Pesquisa com apoio do CNPq Edital Universal 01/2016.

Neste trabalho, objetiva-se apresentar uma discussão sobre a escrita do militar paraguaio Francisco Isidoro Resquín. A trajetória de Resquín no Exército paraguaio o levou a diversas missões, desde a criação de unidades militares até o acompanhamento dos últimos instantes da *Guerra Guasu*, passando pela liderança de uma das colunas que adentrou o território mato-grossense, no início do conflito em 1864. Articulando o livro de Resquín a outras fontes, é possível compreender a performance desse militar e acompanhar sua movimentação no interior da Guerra e, depois, a produção de um texto destinado a higienizar a sua própria memória no contexto bélico.

Findada a Guerra, o então General Resquín escreveu seu relato, cujo título é “La Guerra del Paraguay contra La Triple Alianza”, no qual conta suas memórias da Guerra e destaca os diversos eventos dos quais participou, articulando uma narrativa a respeito do que considerou os principais instantes do acontecimento. Cabe assim compreender o livro de Resquín enquanto fonte histórica peculiar, mas principalmente tomá-lo enquanto representação da memória de uma personagem complexa e mal alocada entre os chamados heróis da Guerra contra a Trílice Aliança.

Arquétipos historiográficos

A Guerra da Trílice Aliança foi, sem dúvida, o maior conflito envolvendo os países da América do Sul e seus cinco anos de duração (1864-1870) permitiu que o grau de violência experimentada pelas tropas envolvidas fosse impactante. Um historiador inglês, ao mencionar algumas guerras ocorridas na Europa, no século XIX, e as proporções por elas alcançadas e em comparação com a da Trílice Aliança, escreveu que essa peleja “foi sem dúvida a mais prolongada e – com exceção da Guerra da Criméia – a mais violenta guerra interestados já ocorrida em qualquer parte do mundo entre 1815 e 1914”. (BETHELL, 1995, p. 12).

Os estudos brasileiros sobre a Guerra podem ser encontrados desde há muito tempo e marcaram, em grandes linhas, três períodos na explicação das motivações que levaram o Paraguai a enfrentar o Brasil, o Uruguai e Argentina. O primeiro momento historiográfico se fixou na direção de encontrar “culpados”, a partir da opção de solidificar a figura de Solano Lopez enquanto um ditador cruel e sanguinário. No segundo momento abraçou-se a ideia de atribuir aos interesses do Imperialismo britânico a prerrogativa de estimular e investir no conflito, motivado pela necessidade de aniquilar um suposto desenvolvimento industrial autônomo do Paraguai. A terceira vertente historiográfica é caracterizada pela maior preocupação metodológica, articulada às compreensões teóricas dedicadas a entender fenômenos históricos a partir de suas dinâmicas internas. Ela dialoga com aqueles eventos contextuais, implicando uma preocupação constante no entendimento dos processos históricos.

Essas pesquisas vêm demonstrando que o conflito decorreu dos complexos processos

históricos verificados nos países envolvidos, ainda envoltos na estruturação dos estados Nacionais no Prata (DORATIOTO, 2002; CAPDEVILA, 2010; WHIGAM, 2010). Sem dúvida, essa guerra pertence primeiramente aos processos históricos dos países envolvidos e, sob tal circunstância, o tema fronteira, no que respeita às insatisfações quanto a demarcações de limites construídas desde o período colonial, foi escolhido como *Leitmotiv* para a explosão inicial do conflito.

Pode-se lembrar a importância da Guerra e seu impacto sobre a Monarquia brasileira, que viu a emergência de um corpo militar, o exército, se consolidar progressivamente em força impactante na derrocada do regime monárquico, com o golpe de 1889. No caso paraguaio, aconteceu a condenação do regime de Lopez, em um primeiro momento e, mais tarde, sob Stroessner, sua reabilitação e transformação em uma espécie de mito fundador da identidade nacional. Nos quatro países envolvidos, a Guerra foi progressivamente transformada em marco das respectivas memórias nacionais e quase sempre idealizada, tomada de forma pouco crítica por aqueles interessados em se apropriar do acontecimento de forma política.

No romper do novo milênio, Francisco Doratioto publicou *Maldita Guerra: uma nova história da Guerra do Paraguai* (2002). Livro denso, tornado clássico, resultante de uma longa pesquisa em diversos arquivos localizados no Brasil e em países envolvidos na Guerra. Esse historiador explicou que a motivação para o tema surgiu na década de 1980. Em 2007, o historiador francês Luc Capdevila trouxe ao público *Une guerre totale. Paraguay, 1864-1870. Essai d'histoire du temps présent*², traduzido para o espanhol e publicado em Buenos Aires em 2010. O trabalho de Capdevila apresenta maior preocupação sobre o lugar e o sentido do acontecimento, por ele definido como uma guerra total, instalando uma abordagem instigante e inovadora às discussões a respeito da contenda.

Três anos depois dessa publicação e dez anos após “Maldita Guerra”, o historiador Thomas Whigam trouxe ao público o primeiro volume da trilogia *La Guerra de La Triple Alianza*, igualmente um trabalho extenso, “massudo” no que tange à pesquisa, ao emprego de fontes documentais e à análise rigorosa do desenrolar da beligerância platina. Ainda em 2010, veio ao público, em forma de livro, a tese de doutorado do historiador Alberto Moby Ribeiro da Silva, sob o título *La noche de Las Kygua Vera; La mujer y la reconstrucción de la identidad nacional em la pós-guerra de triple Alianza (1867-1904)*³, cujo interesse foi explicar a presença da mulher durante o difícil processo de (re)construção do Paraguai, no pós-guerra, tematizando a problemática da identidade a ser configurada a partir dali.

2 Guerra Total; ensaio de história do tempo presente. Tradução do autor.

3 A noite das Kygua Vera; a mulher e a reconstrução da identidade nacional no pós-guerra da tríplice aliança (1867-1904). Tradução do autor.

Coletâneas passaram a ser editadas, sinalizando a constituição de redes de pesquisadores dedicados ao assunto e que, ao menos em relação ao tema, estabeleceram conexões que viabilizaram o aparecimento dessas publicações. É o caso do livro *Brasil e Paraguai; uma releitura da Guerra*, organizado pelos historiadores Fernando Tadeu Borges e Maria Adenir Peraro e publicado em 2012. Em 2016 vieram à tona dois volumes de uma coletânea ampla e diversificada, tanto em relação aos temas quanto à diversidade de origem dos autores e autoras: *150 após – A Guerra do Paraguai: entreolhares do Brasil, Argentina e Uruguai*. Mais tarde, em 2019, um terceiro volume soma-se aos anteriores. Os dois primeiros volumes estiveram sob a responsabilidade da historiadora Ana Paula Squinelo, que se associou ao historiador argentino Ignacio Telesca na direção do terceiro livro.

A literatura historiográfica contemporânea sobre a Guerra da Tríplice Aliança é indubitavelmente muito mais ampla que as referências acima e um levantamento e análise acurada sobre ela não cabem aqui. As indicações têm unicamente a tarefa de introduzir o tema a ser tratado neste trabalho, principalmente porque há fortes indicativos de que estamos vivenciando e praticando um quarto período historiográfico relativo à Guerra, circunstância em que os trabalhos contemplam problemáticas decorrentes do acontecimento histórico Guerra da Tríplice Aliança, *Guerra Guasu* ou simplesmente Guerra do Paraguai. Esse movimento está relacionado à consolidação do tema e ao reconhecimento de sua potência em gerar outras indagações e novos influxos que o campo histórico desenvolveu a partir dos anos 1970 e, mais ainda, nos anos 1990 e nos seguintes, quando, para o caso brasileiro, o sistema de pós-graduação em história acelerou seu processo de expansão. Diversos trabalhos publicados passaram a tratar de temas como gênero, identidades, nacionalismos, fronteiras e literatura, entre tantos outros tópicos, ampliando e aprofundando o repertório historiográfico em que o tema clássico sempre foi a “guerra”.

Verifica-se um transbordamento da questão ou temática “Guerra da Tríplice Aliança”, fertilizando e proporcionando a emergência de problemáticas decorrentes da força e impacto desse acontecimento sobre as histórias dos quatro países beligerantes.

Para situar o presente artigo no âmbito desses estudos historiográficos, o estudo de Capdevilla (2010) é uma referência importante. Ele se propôs a pensar a Guerra Guasu enquanto acontecimento histórico e, com isso, permitiu emergir em termos de fenômenos sociais temas como as demandas por identidades e por memórias e, como a Guerra forneceu motivações agenciadas para forjar e consolidar um nacionalismo que, ao reabilitar o lopizmo, assegurou a sustentação do governo de Stroessner, ditador que governou o Paraguai entre 1954 e 1989. Ao mover a chave analítica, Capdevilla discutiu o acontecimento no escopo da História do Tempo Presente, demonstrando o movimento das marcas do passado na contemporaneidade de um povo e da própria

historiografia. Nesse movimento, estudar a trajetória e a performance narrativa de figuras que participaram ativamente do acontecimento se apresenta como um desafio historiográfico.

Entre a história e a memória

Em 1823 nascera Francisco Isidoro Resquín, futuro coronel que comandaria uma das colunas que adentrou o território mato-grossense, em um dos primeiros movimentos militares integrantes da longa guerra que se seguiria, a Guerra da Tríplice Aliança. Há informações de que Resquín teria nascido na capital Guarani, mas também há menções sobre San Pedro de Ycuamandyú. Passou a fazer parte do Exército aos 19 anos e aos 27 ocupava a patente de capitão. Antes da Guerra, Resquín esteve na província mato-grossense na condição de comprador de terras, disfarce apropriado para um espião guarani cuja tarefa foi conferir e aprimorar uma série de informações já recolhidas por outros espiões que perambularam pela fronteira.

A partir de Corumbá, onde foi acolhido por um importante comerciante local, o futuro general se deslocou para regiões próximas, aferindo e melhorando informações e, supostamente, atualizando um antigo mapa em que constavam informações sobre as poucas localidades da atual região pantaneira. Destacou especialmente as fazendas de gado que, mais tarde, quando da ocupação pelas forças militares paraguaias, foram assaltadas e tiveram seu rebanho bovino levado para o Paraguai (LEITE, 2016).

Resquín foi importante no desenrolar de várias ações ocorridas em todo o transcurso do conflito, transformando-se em personagem complexa e emblemática no contexto da Tríplice Aliança (1864-1870). Na inauguração das atividades bélicas, o militar era coronel. Mais tarde, foi promovido a brigadeiro-general para substituir o general Robles no comando das tropas, em Corrientes, ou no Comando Sul, uma vez que o segundo perdera a confiança de Solano Lopez, que suspeitava de traição. Militar afeito à disciplina e dono de um prestígio que resultou de sua forma de atuação no exército, Francisco Resquín combinava um ar refinado com certa frieza nas suas ações. Comparando-o a Vicente Barrios, cunhado de Lopes e comandante das forças que invadiram Mato Grosso, Thomas Whigam (2013, p. 214) descreveu o militar de forma bastante positiva:

El robusto Resquin, quien en vez de la lustrosa barba de Barrios lucía la faz cuidadosamente afeitada, era un caso típico. Era um diestro luchador que había aprendido muchas lecciones de los guaicurúes a través de los años; era constante, leal e inmune al sufrimiento personal (de hecho, logró sobrevivir a la guerra).⁴

4 O robusto Resquín, que em vez da barba lustrosa de Barrios exibía um rosto bem barbeado, era um caso típico. Era um lutador habilidoso que aprendera muitas lições com os Guaicurus ao longo dos anos; Era constante, leal e imune ao sofrimento pessoal (na verdade, ele sobreviveu à guerra). Tradução do autor.

A descrição acima corresponde em boa medida à outra anotada no romance ...*Aquele Mar Sêco*, escrito por Rogério de Camargo e publicado em 1955. Nesse livro, a personagem, o comprador de terras Isidoro Resquín – ou “Risquinho” – é, na verdade, um espião paraguaio em ação na região da Vila de Corumbá. Ele despertou a atenção devido as suas características pessoais: um homem de fino trato, educado, bem vestido e sempre cuidadoso com sua aparência (CAMARGO, 1955). O visitante que não ocultara ser amigo do presidente paraguaio,

longe de cultivar a austeridade, não deixava, porém de por em torno de a si um halo de respeitabilidade, com suas maneiras sóbrias e suas falas ponderadas. E também, com suas roupagens finas, o seu cheiroso cosmético, o pó rosado da Abadia do Soulac. E ao lado disso, um outro halo perfumado, aquele maravilhoso do ‘petit-griss’ que bem lembrava o Paraguai. (CAMARGO, 1955, p. 49).

Resquín foi discutido por Leite (2016), quem analisou os trânsitos realizados por espões em Mato Grosso antes da entrada das tropas paraguaias nessa Província em fins de 1864. A atuação de Resquín se deu na esteira dos trabalhos de registro e mapeamento feito pelo Tenente Herreros na região. A presença do candidato à “sesmador de terras” em um romance pouco conhecido, publicado em meados do século XX e que empregou informações de caráter histórico para formar o enredo indica que a história dessa ocorrência marcou o cotidiano local.

Findado o conflito, Francisco Isidoro Resquín feito prisioneiro em Cerro Corá e, mais tarde, ao depor em Humaitá, foi tratado na condição de Chefe do Estado Maior do Exército Paraguaio. Liberto, o General se dedicou a escrever “La Guerra del Paraguay contra la Triple Alianza”, cuja primeira versão apareceu em 1875. Seu autor faleceu sete anos depois, em 1882. De autoria de um alto oficial paraguaio, integrante das forças lopezinas e personagem relevante no desenrolar de todo o conflito, é um texto de história e de memória. Sua função foi apresentar uma narrativa em que as responsabilidades sobre a violência do conflito fossem imputadas às forças aliadas, justificando as atrocidades do Regime de Lopez e, por consequência, aquelas executadas pelo próprio Resquín como uma reação às agressões estrangeiras.

“La Guerra del Paraguay contra la Triple Alianza” decorreu da articulação de informações registradas em fontes produzidas por seu autor ou por outros militares e combinadas com dados de memória, resultando em um texto revelador das batalhas enfrentadas pelas forças paraguaias. Ao combinar informações de sua memória, o autor sistematizou informações que permitiriam preservar a ideia do conflito enquanto reação às ameaças dos Aliados contra o Paraguai e, ao mesmo tempo, ser um texto de história da *maldita guerra*, expressão empregada pelo General Resquín.

Resguardar a imagem do autor é uma das tarefas do escrito, principalmente porque a derrota

impôs muitas dúvidas sobre os desdobramentos provocados pelo conflito, gerando também inquietações a respeito das responsabilidades dos oficiais de alta patente diante das decisões de Lopez. Tais indagações comprometiam a imagem de dois desses comandantes: Resquín e Caballero. Ao contar a história da Guerra, Resquín pautou-se pela exposição de fatos que considerou marcantes e que colaborassem para atestar sua condição de personagem cumpridor das ordens do “comandante em chefe de seus exércitos”, o Marechal Francisco Solano Lopez. A opção de Resquín perseguiu construir, no âmbito da narração, um equilíbrio que lhe permitisse transferir a Lopez toda a responsabilidade pelas atrocidades praticadas, contornando críticas mais agudas que criassem fissuras nos argumentos que justificaram tanto o conflito quanto a imagem do grande líder e defensor da nação paraguaia.

Essa tensão se estabelece no curso dos capítulos XIII e XIV, onde se encontram as informações sobre os episódios finais da Guerra, em Cerro-Corá, mescladas à exposição das motivações paraguaias em resistir aos intentos das potências estrangeiras para estrangular o país. Ao mesmo tempo em que denuncia o *Imperio de los esclavos* (RESQUÍN, 2016), o general se vê compelido, logo na sequência, a reconhecer que os prisioneiros paraguaios foram bem tratados pelo Império do Brasil e, depois de algum tempo, “[...] esta nación civilizada e humanitária⁵” (RESQUÍN, 2016) os conduziu de volta até Assunção.

Há três grandes linhas que articulam toda a estrutura do texto resquiniano. A primeira é a identificação e descrição do conflito, em várias cenas marcadas pelos enfrentamentos entre os beligerantes. A segunda, a valorização e exaltação da bravura de Lopez e do exército paraguaio. Por fim, a terceira é a salvaguarda da imagem do autor enquanto executor de um roteiro dirigido pelo Marechal-presidente. A guerra presente na narrativa construída pelo autor foi um acontecimento histórico em que o valor do exército paraguaio e de seu comandante atestaram que a derrota paraguaia foi injusta e que, ao mesmo tempo, revelou a determinação e patriotismo do povo paraguaio.

O volume utilizado para essa pesquisa está impresso e publicado pela conhecida Editora paraguaia *El Lector* e não é de difícil localização e acesso; integra, sob o número 2, a Coleção *Las guerras del Paraguay*. A tarefa de destacar e relevar a figura do Lopez é denunciada pela precedência de uma imagem do marechal Lopez à do general Resquín, seguidas por um prólogo do médico e advogado Juan de O’Leary, intelectual maior da engenharia de reabilitação do Lopizmo no Paraguai. Sem informar suas fontes, O’Leary enfatiza a posição de destaque de Resquín nas tropas guaranis desde o princípio do conflito. A publicação encontra-se dividida em três partes, subdivididas em outras partes e seções e constituídas por 15 capítulos, reunindo, assim, 160

5 Esta nação civilizada e humanitária. Tradução do autor.

páginas, às quais se somam uma seção de “Documentos históricos”, integralizando 189 páginas.

Estruturalmente, *La Guerra del Paraguay contra la Triple Alianza* assim se apresenta: nos dois capítulos iniciais da primeira parte encontra-se uma discussão sobre a questão “limites” entre o Paraguai e o Brasil e entre o Paraguai e Argentina, cedendo-se espaço para descrever o Tratado, documento base para a formação da Tríplice Aliança. Os capítulos III e IV contêm informações sobre a “Primeira Época” e são seguidos de um segmento definido como “primeira sección”. Nela a temática central são as ações militares das forças paraguaias no Sul do país e a consequente substituição do General Robles, então comandante da Divisão Sul pelo autor, promovido a general. Na sequência, os capítulos V e VI constituem a “Segunda Sección”, em que a atenção é dedicada a descrever os enfrentamentos entre as forças paraguaias e as da Tríplice Aliança.

Conexas a essas informações, Resquín trata das encomendas de equipamentos militares realizadas pelo governo de Lopez a países europeus. A segunda parte, nos capítulos VII ao XII, detalha ações militares e combates ocorridos em território paraguaio, anotando ainda a retomada de Corumbá, na província de Mato Grosso, pelas tropas imperiais. A terceira parte traz informações sobre mais combates. Destacam-se aqueles momentos que sequencialmente demonstram o avanço das tropas da Tríplice Aliança em direção a Assunção. Para Resquín, uma “Segunda Época” deu-se entre 1869 e 1870, período descrito na “Primeira Sección”, nos capítulos II ao IV, e na “Segunda Sección”, nos capítulos V e VI, marcados pela informação sobre os combates, pelas deserções de soldados e pela movimentação de Lopez em direção ao Norte paraguaio.

A segunda parte é composta pelos capítulos VIII ao XV e traz as informações sobre deslocamentos cada vez mais dramáticos de Lopez e do restante das tropas paraguaias em fuga, até chegarem à fronteira com Mato Grosso. O volume publicado pela *El lector* traz um conjunto de anexos de documentos históricos que possibilitam compreender parte das ações realizadas pelas tropas paraguaias em território mato-grossense, um tema sobre o qual Resquín fez questão de omitir. Em geral, esses documentos são correspondências de Resquín e outros militares ao governo de Lopez e portam referências às movimentações militares realizadas pelos paraguaios na região. Eles realçam também a condução de milhares de bovinos encontrados na fazendas mato-grossenses para o Paraguai.

A escrita se inicia com a narrativa do autor a respeito das tropas brasileiras saídas de Mato Grosso e que desembarcariam no morro Pão de Açúcar, em 1850. Esse episódio faz referência às

tentativas realizadas entre Brasil e Paraguai para definir o espaço fronteiriço e as formas de livre navegação do Rio Paraguai. No curso das negociações, tropas brasileiras se instalam no referido morro, o que provocou a reação paraguaia no intento de desalojar os soldados brasileiros (RESQUÍN, 1996). É no rastro das disputas pelos marcos fronteiriços que o autor encontra as razões para a Guerra, um ato de resposta às ambições brasileiras e argentinas pelas regiões lindeiras consideradas pelo governo paraguaio como pertencentes a território pátrio. Recorrer às disputas pela definição das fronteiras é a razão adotada pelo autor na construção de uma explicação factual e cronológica para elucidar a guerra. Assim, Resquín evoca a honra da pátria aviltada como pretexto para as decisões em favor da peleja:

El gobierno de la República del Paraguay que no podía desatender los avances de sus vecinos que de muchos años atrás se empeñaban en disputar sus valiosos territorios sin ningún título ni derechos para ellos, inmediatamente se puso en pie a favor de la gran idea de conservación sancionada por la humanidad y la razón, bajo cuyos principios de equidad y justicia, tomó la inquebrantable resolución de vencer o morir hasta verse salvada la independencia y soberanía nacional⁶. (RESQUÍN, 1996, p. 21).

Nesse excerto, um dos mais elaborados do livro, encontram-se elementos dos pressupostos políticos e filosóficos mobilizados pelo autor, para justificar e explicar o dever cívico e a forte opção pela guerra como atitude incontornável naquele momento. O argumento é decantado em várias circunstâncias, mas parece se concluir no confronto final de Cerro-Corá, na decisão anunciada desde sempre pelo Marechal de preferir a morte à rendição.

As deserções e a atuação da Legião Paraguaia compuseram o movimento realizado por traidores da pátria paraguaia, na perspectiva de Lopez, contribuindo para o projeto dos inimigos. Portanto, cabia ao líder paraguaio enfrentar os desafios e ameaças no momento em que “[...] La guerra no fue otra cosa que de humillación y saqueo abierto.”⁷ (RESQUÍN, 1996, p. 139)

Ao descrever boa parte do conflito, o General se coloca como uma espécie de observador externo e busca dar maior grau de veracidade e imparcialidade ao relatado. A estratégia é perceptível nos momentos em que refere a si como um outro e evita empregar a primeira pessoa do singular ou mesmo a primeira do plural. A narrativa se constitui sobre o conjunto de feitos das tropas guaranis, sempre sob o comando inquestionável de Solano Lopez, e o marco inicial prestigia meados do século XIX, momento em que as tensões sobre a região de Fronteira ganham contornos

6 O governo da República do Paraguai, que não podia desconsiderar os avanços de seus vizinhos, que há muitos anos estavam decididos a disputar suas valiosas terras sem qualquer título ou direito para eles, imediatamente se posicionou a favor da grande ideia da conservação sancionada pela humanidade e pela razão, sob cujos princípios de equidade e justiça, levou o resultado inabalável de ganhar ou morrer até que a independência e a soberania nacional fossem salvas. Tradução do autor.

7 A guerra não foi outra coisa, senão humilhação e saques abertos. Tradução do autor.

mais expressivos. Ao tentar se ocultar do enredo e buscar um lugar narrativo suposta ou desejadamente neutro, um lugar *sobre* o acontecimento, Resquín se apresenta como personagem importante na maioria dos episódios exatamente por construir seus escritos que buscam apresentar uma “história legítima” do contencioso. As descrições são quase sempre muito sumárias e ganham um pouco mais de extensão quando o autor se dedica a contar sobre eventos nos quais esteve presente. Desse modo, ele indica a existência de uma memória que informa e reelabora o que se recordou, mesmo que a expectativa autoral seja manter a linearidade ou a cronologia dos acontecimentos, buscando impor a autoridade do texto.

O livro não é propriamente um escrito de memória pessoal, visto que seu autor elegeu um tema em torno do qual articula as informações selecionadas para contar sobre o conflito. O fato consente perceber que o articulista, já na condição de general, precisou instrumentalizar sua condição de agente privilegiado, em meio aos acontecimentos, em busca de contar uma história crível. A violência referida pelo narrador é majoritariamente atribuída aos adversários. Um exemplo é a ocupação de Concepción e Peribebuy, locais onde ocorreram confisco de dinheiro, armamentos, documentos e degola de civis e militares paraguaios. Curiosamente, para o autor, quando os responsáveis por executarem saques em Peribebuy são paraguaios, tais atos ocorreram a mando de brasileiros (RESQUÍN, 1996, pgs. 115, 121-122 e 131).

Cabe pontuar o seguinte: Resquín cresceu e progrediu em sua carreira na mesma proporção em que a Guerra se agigantou e a conquista de relevância decorreu da confiança conquistada junto ao Ditador Lopez. O então Coronel Resquín adentrou o território brasileiro em fins de 1864 e, ainda como Comandante da Divisão do Norte, foi convocado a se deslocar em 1865 para liderar a frente Sul, na condição de Comandante da Divisão Sul, promovido a Brigadeiro-General e substituindo o General Robles.

No curso da guerra, Resquín se transformaria em um dos militares mais próximos do Presidente e merecedor de sua confiança, atravessando incólume as acusações que lhe eram imputadas e tinham por base exatamente a sua capacidade de cumprir as ordens do ditador, fossem elas de caráter estratégico e relacionadas às manobras e outras movimentações do exército, ou de aplicação de violentas punições a prisioneiros de guerra, desertores ou acusados de conspirações contra Lopez.

Castigo e fidelidade: a base do heroísmo

Quando convocado a retornar de Mato Grosso ao Paraguai para assumir o comando da Divisão Sul, em 1865, e liderar a mais importante frente de combates, Resquín daria prosseguimento à sua carreira no Exército, transformando-se na voz e olhos de Lopez junto às

tropas. No curso da guerra a violência enquanto forma de manter a ordem se associava ao culto à figura do Ditador. Doratioto (2002, p. 313) registra que Resquín ordenou o açoite de duas mulheres consideradas cúmplices na fuga de brasileiros presos em Paso Pucú, após a batalha de Tuiuti. Maria França da Conceição e Silveria Maria Ramires deveriam receber 50 açoites, mas Solano Lopez os cancelou e mandou ambas para a prisão em Assunção.

O episódio é um dentre as dezenas – talvez centenas – de ações que marcam a atuação do General Resquín nas diversas situações que representaram o constrangimento, por meio da violência, de prisioneiros militares ou civis, paraguaios ou estrangeiros. A violência se deu de diversas formas, ampliando-se à medida em que a guerra se estendia - não somente no âmbito das forças paraguaias e ao trazê-la para essa discussão tenho por meta demonstrar o movimento realizado por lideranças do exército paraguaio, particularmente por aquelas comandadas por Resquín.

A postura do comandante gerou reclamações que chegaram até o Marechal Lopez, mas que não abalaram seu prestígio porque certamente ocorriam no encontro das diretrizes do ditador. Em carta dirigida a Lopez, cuja data não foi possível identificar, um certo 1º Tenente Amâncio Barreto pede permissão para apresentar denúncias pessoalmente ao Presidente, com a finalidade de “[...] especificar verbal y personalmente las desordenes, insolências, e inmoralidad vil señor comandante ciudadano Francisco Isidoro Resquin [...] tratando-me como el mas intimo criado suyo llegando hasta el extremo en haberme despolado en mi espada⁸ (sic) [...]”. (CARTA AL PRESIDENTE SOBRE la mala conducta del comandante F. I. Resquin)

Não é possível rastrear toda a sorte de violência cometida contra prisioneiros. Mas documentos presentes em um conjunto de fontes conhecidas por “Papeles de Lopez” e publicados em Buenos Aires em 1871, quatro antes da publicação do livro de Resquín, fornecem muitas informações sobre as formas de violações. Nesse sentido, em março de 1866, acampados em Paso de La Patria, Resquin levou adiante uma ordem do marechal e produziu um documento em que estabeleceu uma *tipologia* de castigos a serem aplicados a militares desertores, bem como aos seus apoiadores. Os tipos de castigos foram aplicados com variações que começavam pela tortura e poderiam chegar ao fuzilamento. Em 18 novembro de 1868, por exemplo, ocorreu uma denúncia contra um certo praticante de nome Talavera, acusado de participar de roubo de alimentos. Três dias depois, os acusados receberam o castigo: Talavera recebeu 50 *palos* em círculos e o soldado que realizou o furto sofreu 100 *palos* em círculos. Ou seja, eles foram surrados no meio da tropa,

8 [...] especificar verbalmente e pessoalmente as desordens, insolências e vil imoralidade, [cometidas pelo] o senhor Cidadão Comandante Francisco Isidoro Resquin [...] tratando-me como seu mais íntimo servidor, chegando ao extremo de me haver despojado de minha esperança [...]. Tradução do autor.

devidamente organizada em forma de um círculo em torno do castigado.

Nesse mesmo ano, 1868, em Pykysyry, 900 mulheres foram deslocadas à força para Caacupê, sob ordens de Resquín, que orientou que elas passassem a plantar feijão após serem acomodadas. Outras 640 mulheres residentes em Villeta e arredores – 170 habitavam outros distritos – foram levadas a Caacupê e, a partir dali, seriam redistribuídas para localidades próximas, onde deveriam se inserir em atividades agrícolas e outras tarefas, considerando a necessidade de reembolsarem o Estado pelas despesas com sua subsistência.

Nos *Papeles...* é possível consultar as “Tablas de Sangre de F. S. Lopez⁹”, com um subtítulo “Fusilamentos en seis meses, prueba de una tirania de Lopez¹⁰”, no qual encontra-se uma relação de nomes de pessoas fuziladas, em um período de 6 meses. A relação tem início em 31 de março, alcança o dia 14 de dezembro de 1868 e faz um inventário de fuzilamentos, mortes naturais de prisioneiros, certamente decorrentes dos maus tratos e das condições vividas na prisão, mortos por peste, executados a sabre, mortos em trabalhos forçados e mortos por lanças. Os mortos são referidos como “réu traidor”. A fonte ainda registra que alguns poucos foram libertados. Quanto às nacionalidades, havia brasileiros, italianos, franceses e argentinos, embora a maioria fosse paraguaia, inclusive militares. Por fim, a Tabla registra um total de 605 vítimas.

Whigham (2012) lembra que as “Tablas de Sangre” eram parte do diário de Resquín, tomados pelos Aliados após a batalha de Lomas Valentinas e, embora portasse informações importantes, “[...] es incompleta, ya que omiten a Benigno a Barrios y a muchos otros que fueron ejecutados posteriormente¹¹” (p. 203). Não é possível saber com precisão se todas essas execuções foram realizadas por ordem de Resquín ou se ele as acompanhou, mas certamente os dados oferecem uma visão mais ampla das violências cometidas contra prisioneiros das forças paraguaias.

A intensificação de toda sorte de violência crescia a medida em que Solano Lopez se via encurralado e perdia posições com o aprofundamento da guerra. O rompimento da barreira paraguaia de Humaitá, em fevereiro de 1868, parece ser um marco nesse processo, seguido pelos desvarios e suspeitas do ditador de conspirações e tramas para afastá-lo do poder. Em San Fernando, acampamento assentado sobre uma antiga Estância da Pátria, Lopez organizou uma estrutura perversa e cruel para julgar e condenar aqueles homens e mulheres que considerava inimigos da pátria paraguaia, ou seja, seus inimigos políticos. Assim foram criados e instalados os Tribunais de San Fernando. Havia seis dos *Los Tribunales de Sangre*¹², acompanhados por Lopez

9 Tabelas de sangue de F. S. Lopez. Tradução do autor.

10 Fusilamentos em seis meses, prova da tirania de Lopez. Tradução do autor.

11 [...] está incompleta, pois omite Benigno a Barrios e muitos outros que foram posteriormente executados. Tradução do autor.

12 Tribunais de sangue. Tradução do autor.

que interferia diretamente nas sentenças a partir da obtenção de confissões por meio de torturas (Doratioto, 2002).

San Fernando também é referência porque concentrou ou serviu de palco para as condenações de figuras importantes nas diversas esferas de poder, inclusive familiares de Lopez, acusados de tramaram contra o presidente. Teve lugar ali a emergência de temas relacionados inclusive à paternidade de Francisco Solano Lopez, conforme destaca Doratioto (2002).

A violência verificada em San Fernando se estenderia durante toda a guerra e as execuções denotavam a crueldade dos episódios em que a suspeição motivava o extermínio. Eis uma espécie de síntese desse procedimento:

Os condenados eram lanceados com uma arma com ponta de aço. O verdugo mirava e golpeava a lança no coração da vítima, atravessando o tórax; no esforço para retirá-la, pedaços do corpo vinham na ponta da arma. Às vezes o verdugo errava o golpe, decepava um pedaço do rosto, fendia o crânio ou, se atingia o ventre, colocava os intestinos da vítima para fora. (DORATIOTO, 2002, p. 347)

Referências aos acontecimentos em San Fernando foram relatadas em depoimento, em abril de 1869, pelo sub-tenente paraguaio José Massot.

Que la época mas horrible que han pasado los prisioneros de guerra há sido cuando el ejército estaba situado en San Fernando; ali disse el declarante, se martirizaba tan inhumamente a los prisioneros de guerra y a los estrejeros, que se encontraban presos, que para creer lo que sufrian, es necessário haberlo presenciado; que ali han sido estaqueadas y azotadas mas de cien personas, que para consumir semejantes crueldades, prestava levantamientos en el campo, o complicacion en conspiraciones que se decia se fraguaban contra el Mariscal lopez.¹³ (PAPELES DE LOPEZ, 1871, p. 63).

A historiografia sobre a guerra é unânime ao afirmar as dificuldades em se quantificar as mortes de forma precisa, especialmente aquelas decorrentes das punições sofridas à margem ou entre as batalhas. Contudo, é possível organizar dados a partir de algumas fontes que ajudem a visualizar a prática de extermínio físico e moral perpetrados sob a ordem do presidente Solano Lopez.¹⁴ Nos quadros abaixo, construídos a partir das informações registradas nos *Papeles de*

13 Que a época mais horrível que passaram os prisioneros de guerra foi quando o exército se estabeleceu em San Fernando; Ali dissentiu a testemunha, tão desumanamente martirizou os prisioneros de guerra e os prisioneros que estavam na prisão, que para acreditar no que sofreram, era necessário ter testemunhado; que foram estocadas e açoitadas mais de cem pessoas, que para consumir tais crueldades, lideraram levantes no campo, ou complicação em conspirações que seriam forjadas contra o marechal Lopez. (Tradução do autor)

14 Uma das diversas formas de violência registradas foi o uso do cepo. Pablo Flaneau, cabo no Exército Argentino, escreveu que "Algunos se han muerto en el famoso cepo colombiano, castigo que se hace con fusil. Atados que eran esos fusiles, los apretaban, hasta sopar los huesos y reventar el espinazo". (PAPELES DE LOPEZ, 1871, p.68). [Alguns morreram no famoso *cepo colombiano*, punição executada com rifle. Amarrados que estavam aqueles fuzis, eles os

LEITE, Eudes Fernando. O general e sua escrita: Resquín e sua Guerra del Paraguay.

Lopez, pode-se dimensionar a execução dos castigos autorizados pelo General Resquín.

Quadro de castigos aplicados em Pikysyry - 1868

NOME	PATENTE	PENALIDADE	MOTIVO
Felipe Talavera	Praticante	50 palos em círculo	Desvio de carne e sebo do hospital
Zoilo Recalde	Soldado	100 palos em círculo	Cúmplice no desvio de carne e sebo
Elias Armoa	Alferez	Suspensão de seu posto	Acobertamento de roubo
Nome não registrado	Sargento	40 palos e suspensão de seu posto	Acobertamento de roubo
Angel Bolão ¹⁵	Cabo	80 palos em círculo e rebaixado a soldado	Roubo, em cumplicidade com Lazaro Cumaraty
Lazaro Cumaraty	Soldado	80 palos em círculo e rebaixado a soldado	Roubo, em cumplicidade com Angel Bolão
Ventura Cano	Soldado	50 palos em círculo	Acobertamento de roubo
Antonio Irala	Soldado	Fuzilamento	Deserção
Matias Vera	Soldado	Fuzilamento	Deserção
Manuel Sayas	Tenente	Fuzilamento	Recusa em levantar cedo e em entregar a espada
Jose Segovia	Soldado	Fuzilamento	Deserção

Quadro de presos em Pikysyry - 1868

NOME	PATENTE	PENALIDADE	MOTIVO
Trifon Olmedo	Cabo	Aprisionamento	Autorizar afastamento de soldado para compra de laranjas
Concordio Correa	Sargento	Aprisionamento	Autorizar afastamento de 2 soldados, para cortar lenha, favorecendo a deserção de um deles, posteriormente capturado
Marcelino Torres	Sargento	Aprisionamento	Idem
Agustin Estigarribia	Sargento	Aprisionamento	Abandonar o batalhão à noite
Eusebio Rindiar	Sargento	Aprisionamento	Idem
Félix GonzaLez	Sargento	Aprisionamento	Dormir enquanto tirava guarda
Policarpo Guillen	Alferes	Aprisionamento	Favorecer fuga de soldado, sob seu comando
Saturnino Ortiz	Tenente	Aprisionamento	Liberar soldado da guarda, sob seu comando
Leandro Acuña	Sargento	Aprisionamento	Cortar um dedo da mão de um soldado
Silverio Flores	Cabo	Aprisionamento	Favorecer deserção de um soldado capturado.

PUNIÇÕES DIVERSAS EM PASO PUCÚ - 1867

apertaram, até que os ossos e a espinha estouravam]. Tradução do autor.

15Angel Bolão, Lazaro Cumaraty e Ventura Cano foram açoitados em público com a finalidade pedagógica de demonstrar a possíveis outros ladrões a “clemência” de Solano Lopez, quem converteu a pena de fuzilamento em açoites.

NOME	PATENTE	PENALIDADE
Antonio Carballos de Sosa	---	Fuzilamento
Antonio Moreira de Sosa	---	Fuzilamento

PUNIÇÕES DIVERSAS EM PASO PUCÚ - 1868

NOME	PATENTE	PENALIDADE
Antonio Amarildo	Sargento	Suspenso de suas atividades e rebaixado para executar tarefas de cabo.
Pedro Sarco	Soldado	40 palos e permanecer sob vigilância.
Francisco Céspedes	Tenente	Repreendido. Permaneceu livre.
Rosendo Céspedes	Alferes	Repreendido. Permaneceu livre.
José Gamarra	Tenente	Repreendido e forçado a exercer 6 guardas, em dobro.
Manuel Gonzalez	Cabo	30 palos. Permaneceu livre
Eliseo Gimenez	Soldado	100 palos em círculo
Saturnino Veron	Sargento	Repreendido. Permaneceu livre
Valeriano Acosta	Sargento	25 palos. Permaneceu livre
Juan Largosta	Alferes	8 guardas em dobro, com fuzil e privado de espada.
Antonio Chamorro	Cabo	25 palos. Rebaixado a soldado.
Dolores Amarilla	Soldado	Fuzilado
Nicolás Ferreira	Tenente	Repreendido. 4 guardas em dobro
Claudio Palácios	Cabo	Fuzilado
Olegario Laguardia	Soldado	Fuzilado
Patricio Pereira	Alferes	Repreendido severamente

PUNIÇÕES DIVERSAS SAN FERNANDO - 1868

NOME	PATENTE	PENALIDADE	MOTIVO
Cándido Ayala	Soldado	Fuzilamento	Ofender Solano Lopez, chamando-o de “índio viejo barrigon”
Fausto Sanabria	Sargento	50 palos	Presenciar as ofensas feitas a S. Lopez, por Cándido Ayala
Jose Figueredo	Cabo	50 palos	Presenciar as ofensas feitas a S. Lopez, por Cándido Ayala
Bás Gimenez	Cabo	50 palos	Presenciar as ofensas feitas a S. Lopez, por Cándido Ayala
Matilde Pino	Soldado	50 palos	Presenciar as ofensas feitas a S. Lopez, por Cándido Ayala
Tomás Duarte	Soldado	50 palos	Presenciar as ofensas feitas a S. Lopez, por Cándido Ayala
Cecilio Maciel	Soldado	50 palos	Presenciar as ofensas feitas a S. Lopez, por Cándido Ayala
Canuto Galeano ¹⁶	Soldado	50 palos	Presenciar as ofensas feitas a S. Lopez, por Cándido Ayala

16 O Soldado Canuto Galeano recebeu 49 açoites, completados por mais um por ordem do executor, o Sargento Julian Nicanor Godoy. Em seguida, o soldado disse ao executor que deveria castigá-lo ainda mais, no que o sargento ordenou a aplicação demais 25 açoites, além de deixar Galeano preso a um tronco.

Violência e culto à personalidade compuseram a base de coesão das forças paraguaias, situação que alimentava a ideia de patriotismo dessas forças devotadas a uma concepção de pátria cuja imagem humana era a do ditador Solano Lopez. Resquín faz referência à devoção dos soldados paraguaios na defesa do país, sob a liderança do presidente, formatando uma representação ideológica sobre a compreensão do nacionalismo em que o sujeito no poder está investido do ou é o próprio corpo da pátria.

Um *bosquejo* na memória, em busca de um lugar na história

Francisco Isidoro Resquín decidira *contar a história* como forma de reparar parte de sua imagem. Para ele, escrever sobre o acontecimento é cumprir uma tarefa: “informar a la juventud paraguaya, algo sobre la cruda guerra a fin de que pueden formar juicio sobre los sucesos que se desarrollaron durante los cinco años¹⁷” (RESQUÍN, 1996: 154). A história é aqui uma ferramenta portadora de possibilidades intelectivas, destinada a instrumentalizar os jovens a respeito dos “sucessos” conquistados. Há uma expectativa de que essa história funcione como uma pedagogia indispensável às gerações do pós-guerra, uma demanda bastante pertinente à história no final do século XIX. Narrar a guerra significou, para Resquín, produzir um documento em defesa de sua atuação no curso dos acontecimentos, especialmente quando consideradas as execuções contra todos os condenados ao logo do conflito. Luc Capdevila (2010) acrescentou que em seu livro, Resquín se caracterizou como um militar respeitoso e cumpridor das regras de guerra, ao mesmo tempo em que atribuiu aos Aliados a responsabilidade pelos abusos ocorridos em campo.

No movimento de forja da narrativa, a personagem Resquín presente no livro é um soldado zeloso de suas tarefas durante as múltiplas operações militares. Essa forma de registrar seus atos permite entender que o militar sempre foi fiel e todas as ações foram realizadas em obediência às ordens de Solano Lopez. O livro coloca o general na condição de militar obediente à hierarquia característica da instituição militar. Durante uma reunião em que se discutiam as acusações de supostas traições articuladas pela família do ditador, em outubro de 1869, tem-se o único momento em que o autor menciona a irritação presidencial com a opinião de Resquín.

El general Resquín fue obligado en público para dar su opinión al respecto lo mismo que otros que presenciaran aquel acto; el general Resquín sin atención a los deseos del mariscal López, le aconsejó, que suspendieras el sumario contra su madre y que la perdonase como magistrado, pues que bastaba la presencia de la reunión, que ha oído la lectura del sumario, contra la debilidad de una señora para justificar ante la posteridad, la verdad de la trama para assassinar al presidente del Paraguay, su próprio hijo y los demás

17 Informar aos jovens paraguaios algo sobre a guerra crua para que possam formar um juízo sobre os acontecimentos ocorridos durante os cinco anos. Tradução do autor.

hombres de sus ejércitos y que el mariscal como magistrado supremo del pueblo paraguayo, perdonara la debilidad de una señora, pues era más ejemplar ver a un hijo perdonar y no castigar las faltas de una madre.

El mariscal se indigno con las palabras de Resquin, y repuso que él no pedia consejos verbales, agregando que lo que decía el general Resquin, lo tomaba como una dulación a los sentimientos filiales. Así, pues, que cada cual diera su opinión por escrito, que el sabría des pués lo que debía de hacer.

Nadie dio su opinión, y la cosa quedó así¹⁸. (RESQUÍN, 1996, pgs. 134-5)

Junto ao livro, o depoimento de Resquín, prestado em Humaitá, no ano de 1870, é outra fonte importante para compreender não só os acontecimentos diretamente ligados às operações militares, mas também à estratégia do General em reforçar seu lugar de subordinado fiel à hierarquia militar, transferindo, assim, as responsabilidades das violências contra prisioneiros às ordens de Solano Lopez. Ao narrar e descrever diversos episódios da Guerra, Resquín expôs seus temores em relação a Lopez:

El declarante y otros gefes vivian sobresaltados, con temor de ser ejecutados de um momento a outro, aun sin haber dado para ello motivo, porque Lopez era un monstruo que despreciaba de tal modo la vida del prójimo, que por una nada mandaba matar a sus mas fieles servidores.¹⁹ (DECLARACION Del General Francisco Isidoro Resquin).

Embora busque constantemente valorizar a bravura das tropas paraguaias, destacando a ousadia e a coragem de comandantes e soldados, a escrita resquiniana é simples e desprovida de maior poder visual. Associado à “Declaracion”, o livro atesta a intensidade da violência praticada contra suspeitos durante a Guerra, revelando também a estratégia do general Resquín na tentativa de se ver livre ou, no mínimo, dividir a culpa das acusações de práticas de violências e assassinatos contra tantas pessoas.

Capedvila (2010), ao tratar desse tema, lembra dos reclames de Juana C. de Resquín, viúva do General a respeito da necessidade de elucidar responsabilidades e, decerto, repor a imagem de seu marido no contexto do processo basilar de formação dos defensores e dos acusadores de Solano

18 O General Resquín foi obrigado, em público, a manifestar sua opinião sobre o assunto, assim como outras pessoas que testemunharam esse ato; O General Resquín, sem dar atenção à vontade do Marechal López, aconselhou-o a suspender a investigação contra sua mãe e a perdoá-la como magistrado, já que a presença na reunião, que ouviu a leitura do sumário, bastava contra a fraqueza de uma senhora para justificar à posteridade a veracidade da trama para assassinar o presidente do Paraguai, seu próprio filho e os demais homens de seus exércitos e que o marechal como magistrado supremo do povo paraguaio, perdoe a fraqueza de uma senhora, porque era mais exemplar ver um filho perdoar e não punir as faltas de uma mãe. O marechal ficou indignado com as palavras de Resquín e respondeu que não pedia conselho verbal, acrescentando que o que o general Resquín disse, ele interpretou como uma apelação a sentimentos filiais. Então, que cada um desse sua opinião por escrito, para que depois soubesse o que tinha que fazer. Ninguém mais deu sua opinião. (Tradução do autor)

19 O declarante e outros chefes viviam sobressaltados, com medo de serem executados, em um momento para o outro, mesmo sem ter dado razão para isso; porque Lopez era um monstro que tanto desprezava a vida do seu vizinho, que por coisa menor mandou matar seus seguidores mais fiéis. Tradução do autor.

Lopez. Encontra-se aqui um ponto importante nos conflitos que levariam às disputas pela memória heroica, inclusive com o retardo na publicização das memórias e informações dos chamados veteranos da guerra. As informações reveladoras das violências precisavam ser decantadas, além de expurgos de alguns, como foi o caso do nome de Resquín. (CAPEDVILA, 2010, p. 160 e segs).

Conclui-se, enfim que Resquín, ao narrar a guerra no livro e na “Declaracion”, de forma estratégica ampara-se na sua condição de subalterno e de eventual vítima, juntamente com afirmações de que recebera bons tratos, ao cair prisioneiro das tropas imperiais com outros comandantes e soldados. Ele afirma que “Para ellos fué su captura una salvacion, pues de lo contrario habrian muerto de hambre, si hubiesen permanecido quince dias mas em Cerro-Corá”²⁰. (DECLARACION Del General Francisco Isidoro Resquin). E mais: além do tratamento respeitoso, todos os combatentes feitos prisioneiros pelo Brasil receberam seus soldos, em conformidades com a respectiva patente durante o período da guerra e, quando esta se encerrou, foram levados de volta até Assunção. (RESQUÍN, 1996, p. 156 e segs.)

E é dessa forma que se enxerga a personagem que narra a si e aos outros, em meio aos múltiplos e violentos momentos vividos ao longo de cinco longos anos; sobrevive a personagem que reivindica a possibilidade de narrar sua memória a título de história. Encontramos, neste momento, o espírito da história do século XIX. *La Guerra Del Paraguay contra La Triple Alianza* não é um escrito sobre si no seu sentido absoluto, mas a respeito de seu autor mesmo quando se autorreferencia. Ou seja: nos momentos em que reclama a ação do general Resquín enquanto personagem, Francisco Resquín realiza duas operações: repõe a personagem no enredo e ressignifica seu lugar ao longo do conflito.

O general Resquín logrou alcançar seu objetivo: livrou-se de boa parte das responsabilidades pela violência e contribuiu para transformar o ditador Francisco Solano Lopez em insano e responsável absoluto pelo desastre que representou a Guerra. Para Capdevila (2010) que analisa os acontecimentos do pós-guerra, destacando ainda os movimentos verificados para se construir uma memória que daria base ao nacionalismo paraguaio, a culpabilização do ditador auxiliou na regeneração da imagem dos oficiais que sobreviveram à Guerra, a exemplo do General Caballero que se tornou um herói nacional.²¹ Resquín foi um dos responsáveis pela (re)organização do

20 A captura foi uma salvação para eles, senão teriam morrido de fome, se tivessem ficado mais quinze dias em Cerro-Corá. Tradução do autor.

21 Ações para divulgação e, paralelamente, consolidação da memória a respeito da formação do Estado Nacional paraguaio, a partir da performance de lideranças políticas e intelectuais aparecem na produção de materiais de difusão desses eventos e das personalidades histórica. À título de exemplo, em 2011 foi produzida a coleção *El día que Volverán*, constituída por cinco DVDs com entrevistas de governantes pretéritos (Mal. Estigarribia, Elgío Ayala, Bernardino Caballero, Mariscal Lopez e Dr. Francia). O Ministério de Educação e Cultura do Paraguai considerou essa coleção de interesse educativo. Em 2020, o Jornal *Ultima Hora* e a *Editorial Atlas*, publicam a coleção de livros *Protagonistas de La Guerra Guasu*, composta por dez volumes. (José Eduvigis Díaz, Bernardino Caballero, Fidel Maíz, Cândido Bareiro, Elizardo Aquino, Juan Bautista Alberdi, Juan Francisco Decoud, Cirilo Antonio Rivarola. Silvia Cordal.

Exército, mas a mácula resultante de sua atuação permaneceu porque, diferentemente de Caballero e de outros veteranos, ele não foi alçado à condição de herói nacional, tampouco à de prócer do Paraguai. A intenção de Resquín, ao escrever, foi legar ao futuro a história de seu país e justificar seu lugar no acontecimento, o que de certa forma foi alcançado, exceto pelo fracasso em higienizar sua memória, como se percebe nas escolhas feitas para construir o panteão de uma memória heroica e gloriosa da nação.

Nas alternativas disponíveis para construir uma história nacionalista, em que a nação passaria a se beneficiar de um acontecimento trágico para alimentar a discursividade pátria, a trajetória do general Francisco Isidoro Resquín foi deixada à margem e todo o seu esforço para escovar a sua memória não foi suficiente. Tudo indica que a exclusão de Resquín do panteão pátrio está ligada à sua trajetória de executor das ordens punitivas aos inimigos de Lopez. Resquín sucumbiu nos espaços da memória nacional paraguaia, mas não pode ser soterrado no campo da História, sinalizando a persistência do complexo diálogo entre Mnemósine e Clio.

Referências

- BARRETO, Amâncio (Teniente e1º Fucilero) CARTA AL PRESIDENTE SOBRE la mala conducta del comandante F. I. Resquin. Snt.
- BETHEL, Leslie. A Guerra do Paraguai; história e historiografia. In. MARQUES, Maria Eduarda Castro Magalhães. (org.). *A Guerra do Paraguai: 130 anos depois*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993, p.11-26.
- BORGES, Fernando Tadeu de Miranda & PERARO, Maria Adenir (orgs.). *Brasil e Paraguai: uma releitura da guerra*. Cuiabá: Edufmt/Entrelinhas, 2012.
- CAPDEVILA, Luc. *Uma Guerra Total: Paraguay, 1864-1870; ensaio de História Del Tiempo Presente*. Asunción/Buenos Aires/Montevideo/México: Editorial SB, 2010.
- CAMARGO, Rogério de. ... *aquele mar seco: o Pantanal*. São Paulo: Cupolo Ltda, 1955.
- CORBO, Tomás Sansón. El campo historiográfico en Paraguay en la primera mitad del siglo XX: condicionamientos y monopolio interpretativo. *Historiografías*, 13. Montevideo: Universidad de La Rioja, (Enero-Junio, 2017), p. 55-73. Publicado em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6094974>
- COSTA, Wilma Peres. *A Espada de Dâmocles: o Exército, a Guerra do Paraguai e a Crise do Império*. Campinas: Hucite/Edunicamp, 1996.
- Declaracion del General Francisco Isidoro Resquin*, Geje de Estado Mayor del Ejército Paraguayo, prestada em el Cuartel General del Ejército Brasileiro em Humaitá el 20 de Marzo de 1870.

Domingo A.Ortiz. Elisa Alicia Lynch e Francisco Solano López).

LEITE, Eudes Fernando. O general e sua escrita: Resquín e sua Guerra del Paraguay.

Colección Enrique Solano Lopes - Biblioteca Nacional de Asunción.

DORATIOTO, Francisco. *Maldita Guerra; nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Cia da Letras, 2002.

LEITE, Eudes. História, Literatura e espionagem: as marchas do General Resquín no Pantanal. In. GEBARA, Ademir (org.) *Leituras de Fronteiras; contribuições transdisciplinares*. Jundiaí: Paco Editorial, 2016, p. 17-40.

PAPELES DE LOPEZ; El tirano pintado por si mismo. Buenos Aires: Imprenta Americana, 1871.

RESQUIN, Francisco Isidoro. *La guerra del Paraguay contra La Triple Alianza*. Asunción: El Lector, [1875] 1996.

SQUINELO, Ana Paula (org.). *150 anos após – A Guerra do Paraguaia: entreolhares do Brasil, Argentina e Uruguai*. Campo Grande: Edufms, 2016. Volumes I e II.

____ & TELESCA, Ignacio (Orgs.). *150 anos após – A Guerra do Paraguai: entreolhares do Brasil, Argentina e Uruguai*. Campo Grande: Life, 2019. Vol. III

TELESCA, Ignacio. *La historiografía producida en Paraguay durante el último quinquenio*. *Ahrbuch für Geschichte Lateinamerikas – Anuario de Historia de America Latina*. Volume 50 (2013): Issue 1 (Dec 2013), p. 375-388. Publicado em

<https://www.degruyter.com/view/journals/jbla/50/1/jbla.50.issue-1.xml>

VERÓN, Luis. *Enciclopedia biográfica paraguaya del bicentenário*. Asunción: Alvaro Ayala Producciones/Itaipu Binacional/Centro Cultural de la Republica-Cabildo, 2009.

WHIGAM, Thomas. *La Guerra de La Triple Alianza; Causas e inícios del mayor conflicto bélico de América del Sur*. Vol. 1. Asunción: Taurus, 2010, 2011e 2013. 3 volumes.